



Anuário da Produção Acadêmica Docente

Vol. III, Nº. 4, Ano 2009

Lenir Pereira de Resende

Faculdade JK

lenirresende@gmail.com

A FORMAÇÃO DOCENTE E A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CRIATIVIDADE

RESUMO

Este artigo discorre analiticamente sobre a formação do professor numa perspectiva de relação com a criatividade. Comunga com o entendimento de que o processo de formação docente guarda profunda relação com ações pedagógicas que valorizam o âmbito da sala de aula esta compreendida como espaço para desenvolver e estimular a criatividade dos alunos e promover o desenvolvimento de habilidades de pensar, criar, realizar. Procura mostrar a possibilidade de formar seres humanos criativos e com autonomia pessoal e intelectual e liberdade de ação, concluindo com reflexões sobre práticas pedagógicas nelas encontrando motivos para um ensino não criativo.

Palavras-Chave: formação de professor; criatividade; ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This article analytically discourses about teacher's formation in a perspective of relation with creativity. It takes communion with the agreement that the process of teacher's formation keeps deep relation with pedagogical actions that increase value the scope of classroom is comprehended as a space to develop and stimulate the students' creativity and to promote the development of abilities to think, to create, to realize. It tries to show the possibility to form creativities humans' beings with personal and intellectual autonomy and freedom of action, concluding with reflections about pedagogical practices found in them, reasons for a not creative education.

Keywords: teacher's formation; creativity; teaching-learning.

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 5/10/2009
Avaliado em: 31/10/2009

Publicação: 19 de março de 2010





1. INTRODUÇÃO

Formação de professores é uma temática que tem sido tratada pela literatura educacional sob as mais variadas formas e objetivos, dessa maneira assumindo destaque nas discussões e na produção acadêmica como campo de estudos e investigações. A educação tem sido questionada por ser reprodutora de uma aprendizagem memorizativa e repetitiva encaixada na noção de transmissão de conteúdos. Entende-se esse modelo por um processo no qual a passividade, a receptividade e a docilidade eram essencialmente determinantes por parte do aluno no sentido de deixar-se armazenar conhecimentos e reproduzi-los no mundo físico e social.

É importante assinalar que os processos ensino-aprendizagem são indissociáveis porque se internaliza o modelo de aprender em reciprocidade aos modelos de ensino com os quais interagimos durante a vida nos grupos aos quais pertencemos. Como seres sociais, sentimos prazer em compartilhar e interagir. Nesse sentido, o trabalho coletivo é fonte geradora de alegria e realização possibilitando relações humanas significativas.

A educação é profundamente dinâmica, se conduzida sob uma nova ótica, isto é, com visão de reflexão, construtiva e situada. Nessa configuração, a educação passa a ser desafiada por outras exigências, sobretudo o ensinar e aprender, conceitos interconectados, dinâmicos e ininterruptos, numa relação indissociável com significados e sentidos os quais possibilitam o desenvolvimento de um processo cognitivo, crítico, criativo, aberto e responsável capaz de beneficiar o ato educativo e, por conseguinte transformar do ser humano.

Essa visão requer mudança na prática pedagógica de modo a transformar a sala de aula num espaço de construção do conhecimento, um espaço para o questionamento, para as interpretações dentro de um clima de relação com a criatividade, importando trabalhar o conhecimento de forma diferente, com a possibilidade de superar práticas tradicionalmente instituídas e do ponto de vista pedagógico, valorizar os conteúdos e potencializar a criatividade do professor e do aluno para que eles possam se expressar em novos níveis de saberes.

Essa nova concepção educacional traz alterações nos ambientes de aprendizagem propondo espaços enriquecidos, centrados no desabrochar da criatividade e da inteligência do educando para que ele possa aprender mais e melhor, desenvolvendo ao máximo seu talento. Nesse sentido, o momento atual vivencia expressivas mudanças modificando as relações sociais e, por conseguinte promovendo alterações na família, no trabalho, nos valores éticos e morais, na educação.





Pode-se observar uma inquietação ainda presente no sistema educativo no que concerne a criatividade na formação docente e no desenvolvimento da prática educativa em sala de aula. Essa é uma direção pouco trabalhada, até porque as ações pedagógicas dos educadores não favorecem uma forma autônoma de pensar e de agir. Restringem os espaços de liberdade e de certa forma negligenciam experiências que possam promover o desenvolvimento da criatividade em todas as suas áreas de expressão, como forma de construção de conhecimento, de ação criativa que caracteriza a manifestação de uma nova idéia, de uma nova produção.

Até bem pouco tempo era impossível imaginar um mundo transformado pela tecnologia, um mundo interconectado que ultrapassa as distâncias físicas e temporais, um mundo dinâmico, interativo, em movimento. Com a sociedade em rede a criatividade do homem é posta em xeque e nesse contexto insere-se o papel do professor assumindo um novo lugar e um novo jeito de ensinar constituindo-se em agente de estimulação da ação criativa dos seus alunos de forma que a criatividade tenha um significado, seja útil, original e adequada a esse momento histórico.

Diante disso, há necessidade de se pensar os sistemas educacionais numa perspectiva criativa e inovadora. É de fundamental importância a valorização dos espaços para o desenvolvimento de habilidades criativas, desafiadoras, onde os estudantes são constantemente instigados a pensar, criar, realizar e desenvolver sua criatividade latente. Nesse ambiente deve haver espaço para perguntar, discutir, experimentar e produzir o novo.

A par desses questionamentos, é preciso refletir sobre os cursos de formação nas instituições de ensino superior. Com todo esse processo de globalização que se adentrou no panorama educacional, a concepção de formação superior está sofrendo alterações. A conscientização sobre a importância da criatividade para o educador não é um acontecimento fácil, pois implica aliar a competência técnica, pedagógica e artística, criação do novo a partir do que já se faz, isto é, das rotinas. A partir dessa ótica, via de regra, é necessário que na formação docente tenha sido estimulada a criatividade, tenha sido sensibilizado sobre a importância da criatividade na formação de seus alunos, tenha tido informações sobre o assunto, como também tenha conhecido novas formas de práticas pedagógicas que visem estimular o potencial criativo e que elas possam ser incorporadas no dia-a-dia do ato educativo.

É comum constatar, em muitas práticas educativas, uma preocupação exagerada da capacidade intelectual e memorização em detrimento da capacidade de percepção, interpretação, habilidades manuais e atividades expressivas, isso é ainda uma





marca reveladora da educação tradicional persistente nessas práticas no sentido de fragmentar as atividades perceptivas das intelectuais, as atividades racionais e pragmáticas e aquelas que envolvem a emoção e a imaginação. Nessa perspectiva, as atividades educativas devem corresponder a uma experiência real, e desafiadora, pois podem articular as diferentes potencialidades do estudante.

Compreender estas condições de ensino é importante. Um ensino-aprendizagem marcado pela ausência de objetivos, ausência de integração das diferentes habilidades e diversas potencialidades do aluno nos faz questionar a proposta didático-pedagógica porque cobre de sentido uma ação enfadonha e desinteressante.

À face disso, o presente artigo volta-se para uma reflexão sobre os aspectos de uma educação que possibilita ao professor se tornar agente estimulador do comportamento criativo de seus alunos, a buscar a construção de novos caminhos, bem como a pensar a formação de pessoas com autonomia intelectual e liberdade de ação valorizando o espaço da sala de aula onde a relação pedagógica deve favorecer um ensino prático-reflexivo e investigativo resgatando o potencial criativo de indivíduos comprometidos com os atuais e desafiadores tempos.

2. VERSANDO SOBRE O CONCEITO DE CRIATIVIDADE

O termo criatividade tem sido usado em diferentes níveis de extensão e profundidade. A literatura indica que a criatividade é a capacidade de criar, de produzir algo novo. Diversas são as maneiras que se tem usado para defini-la. O verbete sugere que criativo é aquele que estimula a capacidade de inventar, criar, inovar. Numa perspectiva filosófica o termo pode ser concebido como um dom divino, que segundo Wechsler (2002), somente os deuses podiam interferir e o homem não podia influenciar, por outro lado pode também suscitar uma interpretação biológica atrelada ao ponto de vista hereditário esse conceito passou a ser o seu componente principal. Nessa direção a concepção passou a ser entendida como uma força criadora inerente à vida do homem.

Os enfoques psicológicos também deram a sua contribuição para melhor compreensão do conceito de criatividade, no entanto esses enfoques não perceberam a sua amplitude e complexidade. É importante salientar, conforme Wechsler (2002), que as abordagens encontram suporte nas teorias, comportamentalista por seus estudos de associação de ideias entre estímulos e respostas, a gestaltista caracteriza o *insight* como um momento criativo repentino, a psicanalítica acredita que a criatividade é uma forma inconsciente de solução de conflitos e a humanista inclui seus conceitos de autorealização





do ser humano. Encontra-se, assim, certa permanência e recorrência nesses conceitos de criatividade.

Por outro lado, outros enfoques a respeito da criatividade conhecidos como psico-educacionais, são os que mais enfatizaram e contribuíram para se ampliar o estudo do conceito de criatividade. Ainda conforme Wescher (2002), estudiosos como Guilford, representante da Teoria Cognitiva, o pensamento criativo implica a produção de diferentes respostas e alternativas para um dado problema. Por sua vez a Teoria Educacional tem como representante Torrance, cujo pesquisador desenvolveu diversos testes na área e assim definiu criatividade

Processo de tornar sensível a falha, deficiências na informação ou desarmonias, identificar as dificuldades ou os elementos faltantes, formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar essas hipóteses; e, por último comunicar os resultados encontrados (TORRANCE *apud* WESCHER, 2002, p. 40).

Além dessas, outras abordagens tecem as suas contribuições como, por exemplo, as teorias psico-fisiológicas esclarecem sobre o domínio dos hemisférios cerebrais e as teorias sociológicas que concebem a criatividade como um fenômeno sociocultural e seus efeitos no processo criativo. Dentro dessa perspectiva Amabile (1996) reafirma que os fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam no processo criativo. Portanto, se esses fatores envolvem a criatividade devem ser eles objeto de atenção por parte do professor. Como se vê, as forças criadoras do ser humano são reflexões antigas, pois desde sempre o homem questiona o ato criativo e reconhece a sua capacidade de criar e a sua importância na vida das pessoas. Esses conceitos se assemelham e por vezes se completam com algumas variações, dependendo da fecundidade dos estudos nessa área.

Embora muito já se tenha escrito sobre criatividade, ainda há muito a analisar sobre o comportamento criativo. Muitos desses fatores relacionados à criatividade escapam à evidência experimental, apesar das pesquisas afirmarem que a criatividade pode ser ensinada. De fato, ao termo criatividade estão ligadas as ideias do novo, original, com valor social e histórico. Este pressuposto anuncia uma nova visão do fazer pedagógico no ensino superior se levar em consideração “o papel da criatividade como princípio metodológico”, como diz Castanho (2000, p. 81). Adicionado a isso se deve ressaltar a importância de se buscar novos paradigmas e inovadores significados para a sala de aula da educação superior, assim valorizando novas aprendizagens.





3. PRÁTICA PEDAGÓGICA E DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

Intensos têm sido os questionamentos, os debates, os fóruns de discussão e as produções acadêmicas em torno da formação dos professores. Refletir a formação docente numa perspectiva de inovações e de transformações pressupõe criar uma aula prospectiva cujos caminhos são a ruptura com as estruturas tradicionais, com as formalidades estáticas e cristalizadas, em outras palavras, “é preciso identificar opções que favoreçam alternativas apropriadas para romper com os processos conservadores de ensinar e aprender” (VEIGA; RESENDE; FONSECA, 2000, p. 163).

É evidente que há uma quase extinção da tradicional lógica de ensinar e aprender. Mas, para romper com esse modelo é necessário a apropriação e reorganização de saberes e conhecimentos científico-pedagógicos que são trazidos para a sala de aula, saberes estes que são gestados em diferentes espaços e tempo histórico. Além disso, uma análise crítica deve permear o modo singular de cada professor ensinar, e uma revisão do sentido que o trabalho tem para ele próprio. Nesse sentido, a forma como se concebe o processo de ensinar e aprender tem a ver com a forma pela qual se concebe o conhecimento. Existem muitas formas de aprender, de conhecer. Os conhecimentos disseminam-se e reconfiguram-se a cada nova necessidade.

Quando o aluno não percebe sentido no processo de aprender, e quando o professor estabelece sentido instrumental, pragmático e utilitário na esfera do ensino esse processo se converteu em mera descrição ou memorização dificultando o processo criativo. Em outras palavras, a possibilidade de ensinar e aprender criativamente surge a partir da concepção de que essa experiência é sempre o processo e o produto de uma troca, de uma reciprocidade, de uma participação no conhecimento e por isso dialógica. Cabe aqui repensar o quanto é relevante aprender a definir e redefinir, atribuir significados, estabelecer vínculos entre os conteúdos, as informações, aos conceitos, inserir dúvida, propor novas alternativas que levem em conta o desenvolvimento do aluno. Esses aspectos apontam para o desenvolvimento de uma aula singular, capaz de desvelar o novo, capaz de fazer dela uma manifestação da estética, dos valores científicos, éticos, e críticos do professor, dos alunos. Corroborar com essa ideia Castanho (2000, p. 87) ao afirmar, “o desenvolvimento da criatividade está intensamente presente quando se propõe uma nova ideia de ensinar e aprender”.

É bem verdade que o professor tem a sua postura pedagógica, o seu estilo de ensinar, assim como o aluno tem seu próprio jeito de aprender, isto é, de desenvolver seu comportamento cognitivo. Se o professor é criativo em sua ação pedagógica, supõe-se que ele criará meios de estimular o desenvolvimento da criatividade de seus alunos.





Apesar das inúmeras dificuldades educacionais, muitas de ordem institucional, é preciso buscar soluções que viabilizem práticas atrativas para a realização de uma aula que tenha por objetivos estimular a mobilidade do pensamento, a originalidade pessoal e iniciativa para transformar as coisas, essas são características das pessoas criativas que demandam um dedicado trabalho e que devem ser necessariamente desenvolvidas no processo educativo.

4. A CRIATIVIDADE COMO ESTRATÉGIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Como se percebe, pelas razões acima expostas, a formação do professor é uma área de estudos que tem sido invadida por novas questões, novas ideias, novas verdades adquirindo assim uma importância crescente e sempre atual no meio acadêmico. Vale ressaltar que de um modelo conservador, com base na racionalidade técnica, e no pensamento linear, nos dias atuais, a trajetória desse campo de estudos se faz em favor do desenvolvimento do pensamento crítico, autônomo, construído coletivamente de modo a valorizar o homem como ser humano construtor de sua história.

Em oposição ao pensamento tecnicista, que se dedica à reprodução e à transmissão de informações e conhecimentos alheios à realidade e à vivência do professor, os estudos atuais centram sua atenção na forma autônoma de pensar e de agir e na necessidade de se preparar melhor o profissional docente para responder a realidade e exigências da escola diferente de nosso tempo que começa a se instalar neste século de profundas mudanças. À maneira como encaramos esses desafios há que se perguntar: Quais os novos papéis e que competências são necessárias para que o professor se torne um verdadeiro profissional nos contextos culturais contemporâneos? Quais são as estratégias que poderiam ser utilizadas para estimular a expressão criativa no decorrer de seu processo de formação? Para responder a essas e outras questões torna-se inevitável reconsiderar a formação e a prática docente. Tal fato aponta para uma reconceitualização teórica com reflexos no modo de organização do trabalho do professor como sujeito que não apenas repassa o conhecimento, mas que pode redimensionar a sua prática e, ainda, pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade.

Nessa ordem de ideias a formação do professor deve fornecer ao futuro profissional uma sólida bagagem cultural, social, filosófica, psicológica e didático-pedagógica atentando para a sensibilidade ética, estética e ecológica. Como tal, essas dimensões devem ser compreendidas pelo sistema escolar como elementos relevantes para o desenvolvimento da criatividade. Nesse processo, novos significados vão sendo atribuídos a essa formação, ressignificando a atuação do futuro professor. Atentos a essa





realidade urge pensar na mudança qualitativa do ensino superior, o que implica dizer que os tempos atuais exigem uma educação, uma cultura que estimule nossos educandos a pensar com autonomia intelectual e a vislumbrar soluções criativas. Em outras palavras, a aula universitária é o local de construção da aprendizagem onde se solidifica o trabalho docente, e o resultado do ensino é a produção do novo e a criação de uma atitude inquietante, questionadora.

As transformações sociais e os desafios do mundo contemporâneo incidem sobre a formação do professor. Ainda nesse sentido é preciso delinear um perfil do profissional professor que inclua competência humana, técnica e científica, bem como analisar a relação entre saberes e práticas como instâncias interdependentes, articuladas construtoras das bases dessa competência. Ressalta-se a necessidade de se adotar uma postura de iniciativa em relação às novas formas de se pensar a formação e o desenvolvimento contínuo do docente. Sendo assim, pensar a formação de professor significa pensá-la como um continuum de formação inicial e continuada, isto é, a autoformação. Castanho (2000) enfatiza que não só as escolas iniciais devem incentivar a criatividade, mas as instituições de ensino superior precisam se preocupar com a formação de sujeitos criativos, ou seja, trabalhar no sentido de despertar o potencial criativo de seus alunos. Com base em estudos de diferentes pesquisadores, Alencar (2000) afirma que no ensino universitário, foi constatada falta de incentivo ao pensamento criativo, independente e libertador, porém ainda se atribui grande importância à memorização e à reprodução do conhecimento.

Um novo ponto de partida surge, novas formas de vivência escolar estão sendo construídas, percebe-se que as velhas práticas estão mudando, buscase um ensino que privilegie a produção do conhecimento, isso significa dizer que trabalhar nessa perspectiva é mobilizar um ensino criativo. Certamente, há possibilidades para novas posturas educacionais e possível espaço para a inovação no ensino superior, as experiências apontam caminhos para a revitalização de uma prática pedagógica reflexiva no âmbito universitário.

5. SALA DE AULA: AMBIENTE ESTIMULADOR DO POTENCIAL CRIATIVO DOS ALUNOS

A sala de aula constitui preocupação desse artigo por apresentar um espaço carregado de significados e possibilidades. Entretanto, a sala de aula é sempre invadida por elementos particulares e sintetiza a ação educativa a qual integra e articula conhecimentos teórico-científicos, técnico-práticos em função da realidade social na qual está inserida. O tema





em questão convida a olhar a qualidade do ensino a partir da sala de aula. Tendo em vista as múltiplas relações pedagógicas que ali acontecem, a sala de aula pode ser um espaço formador para o aluno, “espaço em que ele aprende a pensar, a elaborar, a expressar suas ideias e a ressignificar suas concepções”, salienta Castro (2002, p. 126). Para o professor a sala de aula também pode ser espaço formador, e prossegue afirmando a autora “lugar que favorece o seu aperfeiçoamento profissional, tendo em vista proposições de alternativas que qualifiquem o ensino e melhorem a aprendizagem” (ibid.) e que faz da aula um ato de criação e expressão.

Essa concepção revela que é preciso esquecer as salas de aulas vivenciadas dos tempos idos. Nessa direção declara Anastasiou (2002, p. 178) “num processo predominantemente expositivo por parte do professor, passivo e memorizativo por parte do aluno, reforçador de relações individualistas e competitivas e não dialógicas entre docentes, um método tradicional é o adequado”. É preciso apostar no desempenho criativo e na sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento pessoal do estudante e do educador, mas também “na autovalorização e na relevância do bem seu estar emocional e saúde psicológica”, como afirma Alencar (2001, p. 1). Características de personalidade, valores, motivações pessoais e os fatores de ordem sociocultural influenciam o potencial criador dos indivíduos o qual necessita de certas condições para se manifestar; engajados nesse processo a família, a escola, o trabalho e a sociedade interferem diretamente no potencial criativo do estudante.

Ainda nessa direção, cabe salientar que a escola exerce um papel determinante no despontar e na evolução dessa habilidade que deve ser efetivada nesse ambiente tendo em vista ser uma ferramenta auxiliar na formação profissional do indivíduo, como também o ajuda a lidar com as diversidades dos dias atuais. A criatividade é um processo intuitivo, importante componente do comportamento criativo, uma capacidade que pode ser aprendida, logo ela está relacionada ao processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o ato criativo é visto como recurso que auxilia o aluno a descobrir suas aptidões. Enquanto ele lê, pesquisa, duvida, exercita e alimenta a sua curiosidade suas criações acontecem, e seus produtos: poesias, teorias, pinturas, tecnologias surgem com nova roupagem e caracteristicamente inovadores, úteis e valiosos.

Diante disso, pode-se afirmar a criatividade está presente em todas as pessoas, independente de idade, sexo ou condição social, cada um tem o seu potencial e capacidade para desenvolvê-la, por isso se evidencia a necessidade de investimento, estímulo e credibilidade. No contexto educacional é fundamental que façamos alguns questionamentos, assim começamos indagando: Como potencializar no aprendiz a sua





criatividade? Por que as características criativas do professor e do aluno raramente aparecem no dia-a-dia da sala de aula? As respostas a essas perguntas são muito mais afetadas por padrões do pensamento voltados para o reforço à passividade, ao conformismo, às barreiras culturais, emocionais, intelectuais e ambientais do que para a exploração das habilidades do pensamento do indivíduo em produzir novas idéias, predispondo-o a pensar de forma originária, flexível e imaginativa. Martinez (1997, p. 195) chama a atenção ao afirmar “os professores criativos, precisamente por sua abertura à experiência, têm maiores possibilidades, não só de elaborar, mas também de apropriar-se de estratégias e técnicas que potencializam a sua ação criativa em sala de aula”.

Diante de tal exposição, já mencionada anteriormente, pode-se compreender a aula como lócus de aprendizagem, como espaço de criação de atitude questionadora, de busca e inquietação, sendo local de produção do conhecimento de interação cultural, onde alunos e professores criam, recriam e tomam decisões, nessa esfera as formas de relacionamento professor-aluno se configuram como importantes elementos do ensinar, do aprender. À face disso, confirma-se que o ambiente tem papel relevante tanto no estimular quanto no reprimir da criatividade. Essas questões revelam que um ensino nessa direção invalida práticas arbitrárias e descontextualizadas das necessidades do educando, pois requer um verdadeiro esforço do professor no sentido de detectar potencialidades do aluno para ajudá-lo a expressar outras formas de conhecimento. Essa interpretação implica pensar em um ensino criativo capaz de mobilizar os elementos da criatividade e alterar a relação pedagógica.

Nesse propósito, o professor reduz o controle e estimula a participação, a iniciativa e a criatividade dos educandos, impedindo a ocorrência da educação da passividade, e da “educação bancária caracterizada por depositar, arquivar e repassar conhecimentos, dados, valores e fatos”, reitera Freire (1987, p. 59). Essa é uma perspectiva paradigmática em que a atividade de ensinar é centrada no professor que expõe, interpreta e transmite o conteúdo de forma indiscutível e autoritária. Para entender as exigências de melhoria do ensino, é preciso adotar essa visão de inovação, levando em conta que o educador deve assumir um papel ativo, segundo Demo (1990, p. 76) “valorizado como profissional estratégico, assinalando a escola de qualidade”.

Assim, é preciso considerar que o uso da criatividade no ato educativo representa uma ruptura com a fragmentação, representa uma luta contra o repetitivo, o alienante e o alienado. Castanho (2000, p. 78) contribui com essa discussão ao afirmar “se o professor é criativo em sua prática pedagógica pode se supor que terá condições mais favoráveis para desenvolver a criatividade de seus alunos.” Coerente com esse pensamento, a aula deve





transformar-se em espaço de reflexão por meio de um trabalho provocativo obstando a inércia e a rotina. O educador necessita usar a criatividade para lidar com a diversidade, com a complexidade, com a sociedade em rede para fazer com que a educação acompanhe a dinamicidade e a transformação do mundo atual. Com certeza, muitos espaços haveremos de encontrar em nossa realidade educacional e profissional para ousar fazer uma educação diferente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo sugere reflexões sobre a criatividade como ferramenta que muito contribui para um ensino de qualidade em busca de inovações significativas para a sala de aula e para as questões aqui tratadas. Além disso, para nutrir a criatividade na esfera da educação, esta precisa ser recriada, é preciso que professores e alunos transcendam as ações da mesmice para erguer novos horizontes. Pouco importará mudarmos nosso discurso pedagógico, a organização de nosso trabalho se não tivermos ousadia para mudarmos o nosso fazer pedagógico em nossos cursos.

Esses são marcos sob os quais os cursos de formação e as práticas pedagógicas deverão renovar a realidade educacional e apostar em valores para construir a autonomia intelectual, a liberdade de expressão do educando e do educador, bem como o seu potencial criativo. Dessa forma potencializando um ambiente criativo no contexto escolar capaz de contribuir decisivamente na constituição de um sujeito crítico, inovador e reflexivo para poder colaborar com a construção de uma história. Para tanto, o profissional professor deve assumir responsabilidade político-social de cultivar conhecimentos e favorecer a conexão entre os saberes profissionais e os saberes dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S. **O processo da criatividade**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- AMABILE, T. M. **Creativity in context**. Update to the social psychology of creativity. New York: Westview Press, 1996.
- ANASTASIOU, L. das Graças C. Construindo a docência no ensino superior: relação entre saberes pedagógicos e saberes científicos. In: ROSA, D.E.G.; SOUZA, V.C. (Org.). **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CASTANHO, M. E. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A. CASTANHO, M. E. (Org.). **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. São Paulo: Papirus, 2000.
- CASTRO, A.D. (Org.). **Ensinar a Ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- DEMO, P. **A pesquisa como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.





FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTINEZ, A. M. **Criatividade, personalidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1997.

VEIGA, I. P.A.; RESENDE, L.M.G.; FONSECA, M. Aula Universitária. In: VEIGA, I. P.A.; CASTANHO, M.E. (Org.). **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. São Paulo: Papirus, 2000.

WECHSLER, S. M. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Contribuições teóricas e práticas para as mais diversas áreas. Campinas: Livro Pleno, 2002.

Lenir Pereira de Resende

Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1973), pósgraduação em Supervisão Escolar pela Universidade Federal de Goiás (1976). Atualmente professora titular da Faculdade JK Anhanguera Educacional, atuando nas seguintes áreas: didática, fundamentos da alfabetização, trabalho de conclusão de curso e responsável pela execução de projetos educacionais no âmbito da Faculdade.